

A cultura da desigualdade e os ofícios do laço¹

Carmen Rodríguez², Montevideu

O artigo parte de dois textos freudianos, O futuro de uma ilusão e Totem e tabu, para estabelecer associações entre as proposições centrais de Freud nesses textos e os efeitos da desigualdade na subjetividade e nos processos de exclusão social atualmente. Por sua vez, o texto busca oferecer perspectivas teóricas próprias da psicanálise para conceitualizar algo do que acontece nos chamados ofícios do laço, considerando-os como o trabalho que profissionais e pessoas de diferentes áreas disciplinares realizam no tecido social com efeitos na subjetividade.

Palavras-chave: Desigualdade social; Saberes da psicanálise; O que ataca a cultura; Os ofícios do laço social

¹ Apresentado no I Simpósio de Vulnerabilidade Social e Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), *Diferenças e desigualdades*, em outubro de 2018.

² Psicóloga. Doutora em Educação e Socioanalista, consultora da UNICEF. Especialista em políticas públicas de infância e adolescência.

Carmen Rodríguez

Escolhi, para pensar aqui sobre a questão da desigualdade, dois textos freudianos, *O futuro de uma ilusão* e *Totem e tabu* (1912), que não serão novidade, que são muito conhecidos e explorados entre psicanalistas e não psicanalistas. O fato de que alguns textos não sejam realmente novos não nos impede – não deveria nos impedir – de revisitá-los sempre que for necessário entender algo relacionado nesses textos ou em qualquer outro a que possamos nos referir.

Trata-se de textos nos quais, em minha opinião, Freud contribui muito para uma discussão a propósito da desigualdade nos dias de hoje.

Atualmente o trabalho em políticas públicas, a partir dos diversos campos disciplinares que as compõem (que, além do mais, por sorte, inclui psicanalistas e/ou psicanálise), não pode ser feito evitando uma reflexão e uma posição acerca da questão da desigualdade. Recorremos a certas elaborações que nos permitam pensar e compor ações, com esse pensamento, a respeito de algo que está em jogo o tempo todo e é o fato de que vivemos em sociedades tremendamente desiguais.

Hoje, este título magnífico, *O futuro de uma ilusão*, vale mais ao contrário, no sentido de que hoje estamos muito mais perto de ter que nos perguntar pela *ilusão de um futuro* e como podemos ter a ilusão de um futuro. Freud (1927) alertou – vamos direto ao parágrafo em que ele instala um alerta dizendo:

Quando uma civilização não conseguiu evitar que a satisfação de um certo número de seus participantes tenha como premissa a opressão de outros, não se pode nesse caso esperar da parte dos oprimidos uma assimilação das proibições culturais, porque, pelo contrário, eles se negarão a reconhecê-la, tenderão a destruir a própria civilização e eventualmente suprimir suas premissas. A hostilidade dessas classes sociais contra a civilização é tão óbvia que monopolizou a atenção dos observadores, impedindo-os de ver o que as outras camadas sociais mais favorecidas também abrigam de modo latente. Não é preciso dizer que uma cultura que deixa um número tão considerável de participantes insatisfeitos e os incita à rebelião não pode durar muito tempo, nem o merece (p. 2966).

Dessa maneira, Freud estabelece claramente os efeitos de uma cultura da desigualdade.

Quando falamos de uma cultura da desigualdade, é importante recorrer a Jacques Rancière, que dedicou muito trabalho ao estudo da noção antônima de igualdade. Ele nos lembra que a igualdade sempre foi uma quimera, ou seja,

nunca fomos realmente iguais. Nunca alcançamos realmente a igualdade, mas, por força do trabalho de alguns, não paramos de buscá-la. É verdade, aponta Rancière (2006), que nem todo mundo quer a igualdade nestes tempos, neste século XXI, neste neoliberalismo que, tal como foi instalado, é uma posição possível hoje em dia. Não exclusivamente nestes tempos, mas é nestes tempos que (alguns) afirmam que é possível apoiar a sociedade sobre o princípio da desigualdade. Esta é uma narração política destes tempos; Rancière (2016) diz: “há um ódio à igualdade, há um desprezo, como se a igualdade fosse algo infame” (s/p).

E paradoxalmente a política que garante que é possível sustentar a sociedade sobre a desigualdade é uma política que se define como *não* política. Estamos muito próximos disso nesta região da América Latina hoje em dia. Trata-se, como Rancière apontou, de uma desigualdade programada.

Mas por quê? O que ocorre nos sujeitos particulares ou coletivos para assumir a desigualdade como uma condição dada? Para entender um pouco do que se passa nessa complacência com a desigualdade, novamente Freud – no mesmo texto, parágrafo abaixo – aponta:

Caio é um plebeu miserável, sobrecarregado por impostos e serviços obrigatórios, mas é também um romano e participa como tal no magno empreendimento de dominar outras nações e lhes impor leis. Essa identificação dos oprimidos com a classe que os oprime e explora não é, no entanto, mais do que um fragmento de uma totalidade mais ampla, pois, além disso, os oprimidos podem se sentir efetivamente ligados aos opressores e, apesar de sua hostilidade, ver em seus amos seu ideal. Se não existissem essas relações, satisfatórias no fundo, seria incompreensível que certas civilizações tenham se preservado por tanto tempo, apesar da hostilidade justificada de grandes massas de homens (Freud, 1927, p. 2969).

A pergunta destes tempos é o que faz as maiorias temerem mais aos oprimidos do que aos opressores, que estejamos mais dispostos a construir o inimigo nos oprimidos do que nos opressores.

Em *O futuro de uma ilusão*, no final do texto, Freud aponta algo que estamos analisando aqui, e o faz por meio de uma conversa imaginária com um interlocutor que tantas vezes o acompanhava na solidão de sua produção – os leitores freudianos reconhecem esse recurso que Freud costumava usar para ir desdobrando suas ideias e suas invenções. Enfim, nesse diálogo que aparece no final do texto, ele diz algo mais ou menos assim:

Carmen Rodríguez

Acho que você defende uma causa perdida. Podemos repetir indefinidamente que o intelecto humano é muito fraco em comparação com a vida pulsional, mas com essa fraqueza acontece algo muito especial: a voz do intelecto pode ser apagada, mas não descansa até se fazer ouvida e acaba por conseguir depois de ser rejeitada vezes sem conta, e este é um dos poucos pontos em que podemos ser otimistas sobre o futuro da humanidade (Comunicação verbal)³.

Pessoalmente, entendo que o que Freud está dizendo aqui é que, por mais que sejamos esse feixe pulsional, seríamos totalmente incapazes de viver juntos se dependêssemos apenas dele. Temos essa outra parte mais fraca, mas persistente, que é a possibilidade de pensar. Se podemos ter a ilusão de um futuro, é porque temos a capacidade de pensar.

Para aclarar o que queremos dizer com pensar, tomemos outro psicanalista, Cornelius Castoriadis (1986), que afirma que pensar é *elucidar* e que elucidar tem a ver com pensar o que se faz e saber o que se pensa.

O segundo texto freudiano que eu gostaria de trazer para essa conversa sobre uma cultura da desigualdade é *Totem e tabu*. Como sabemos, houve muitas leituras sobre esse famoso mito da Horda Primitiva. Pelo menos para mim, as leituras que parecem mais interessantes são aquelas que veem em *Totem e tabu*, bem como em outros textos entre os chamados sociais de Freud, uma passagem, uma zona de fronteira, uma relação entre o psiquismo individual e a vida coletiva.

Uma das leituras sobre este texto tem que ver com constatar até que ponto, para que haja vida coletiva, para que possamos viver juntos, deve haver algumas leis que deponham esse feixe pulsional a que nos referimos desde o início; algumas leis que à maneira de tabu ofereçam ao mundo das pulsões alguns impedimentos. E como muitos entenderam, em particular a obra de Eugene Enriquez⁴, essa é uma das funções principais das instituições que formam a sociedade, oferecendo ao mundo das pulsões uma limitação ao mesmo tempo que uma via oblíqua de realização.

Quando trabalhamos em certos territórios das sociedades atuais, territórios onde as injustiças sociais nascem e crescem, não trabalhamos apenas com os problemas materiais próprios da pobreza e seus impressionantes efeitos nos modos de existência, mas também com os efeitos subjetivos das desfiliações sociais desse fenômeno que chamamos de exclusão e que têm que ver com ficar fora de uma ordem simbólica em que se tramita e se dá trâmite à filiação social.

A hipótese que acolhemos é que a queda da filiação social nos sujeitos particulares e coletivos abala certos tabus através dos quais o laço social é

³ O trecho é uma paráfrase do texto freudiano transmitido na conferência que se transcreve aqui.

⁴ Especificamente o texto *Da horda ao Estado* (1983).

construído. E quando trabalhamos com os efeitos genealógicos da desfiliação, da exclusão e da expulsão, trabalhamos com os danos na subjetividade que produz a queda de certos tabus (incesto, tabu da morte) e que supõe, como Freud (1912) antecipou em *Totem e tabu*, a possibilidade de retorno à horda ou a uma subjetividade de horda.

Portanto, incesto e crime são misérias individuais, familiares e de laço social. A familiarização dos prejuízos à infância constitui uma perspectiva que deixa de fora a relação entre injustiças sociais e certos males familiares.

Embora se diga frequentemente que as famílias são a base da sociedade, dessa perspectiva é importante ver até que ponto a sociedade deve estar na base de todas as famílias.

Portanto, é numa cultura da desigualdade que certos tabus são abalados, e são esses mesmos efeitos da desigualdade que constituem a fonte de certos (embora não sejam os únicos) ataques à cultura, já formulado desde Freud.

Como Rancière aponta, o pior deste tempo é pensar que se trata de manter uma posição apolítica diante da persistência da desigualdade, porque o que está em jogo é como continuarmos a defender a igualdade como narrativa que nos sustenta se trabalhamos sob a ideia de um futuro.

Então, de que se trata trabalhar em políticas públicas nesses mesmos territórios onde as injustiças sociais nascem e crescem e onde a desigualdade é reproduzida?

Acho que muito do que ataca o pensamento e o psiquismo daqueles que intervêm nesses territórios tem a ver com assistir às quedas de tabus nos corpos e almas de crianças e adolescentes.

Junto com alguns colegas da Argentina – Graciela Frigerio, Daniel Korinfeld – e muitos outros que estão se somando a diferentes âmbitos de pensamento compartilhado, chamamos de ofícios do laço a essa atividade, a esse trabalho nos territórios a partir de políticas públicas e nas instituições (Rodríguez et al., 2017, 2018, 2019). E concebemos esses ofícios do laço a partir de uma perspectiva que sustenta que esses ofícios não são propriedade de nenhum campo disciplinar em particular, mas que se trata antes de certos ofícios que se nutrem de diferentes línguas disciplinares, entre as quais se encontra a psicanálise.

Insistimos particularmente em atualizar essa relação entre a psicanálise e o social. Digo atualizar porque essa relação foi construída desde o início, daí também essa insistência em textos fundacionais do próprio Freud. Trata-se de atualizá-la no sentido de colocá-la em jogo na atualidade, o que também quer dizer que essa atividade de atualização retoma um pouco da mística da própria psicanálise, que se

Carmen Rodríguez

arriscou desde o princípio na pessoa de Freud para ir a territórios pouco explorados em busca de novidades, novas descobertas e novas compreensões.

Para pensar alguns dos traços constitutivos do que passamos a chamar de ofícios do laço, recorremos a Pierre Legendre (1996), num texto realmente valioso: *O inestimável objeto da transmissão*. Nesse texto, Legendre trabalha sobre o processo de transmissão que permite a existência de uma sociedade e que a rigor é nessa transmissão que ocorre a passagem desse (imponderável) objeto que institui a vida de geração em geração.

De sua perspectiva, a sociedade repousa sobre o que chama de função genealógica, isto é, isso que vai de geração em geração. Nós, que trabalhamos em políticas públicas, conhecemos a insistência de algumas visões que dizem que os problemas que temos como sociedade são na realidade problemas de famílias, ou seja, que tudo estaria bem na sociedade e nas instituições se não fosse por causa de algumas famílias. O que esse magnífico texto de Pierre Legendre destaca é o quanto essa afirmação oculta.

Porque a função genealógica que forma a sociedade e que permite a vida em comum é algo que se dá de geração em geração no seio das relações parentais que constituem a família, mas para que isso aconteça na família os pais têm que estar ligados por transmissão genealógica com algo que vem de antes e está fora da família.

Trata-se dessa terceirização que institui a lei que autoriza a vida nas relações parentais, que não se resolve a cada vez nas configurações familiares, mas que, de fora da família e de um tempo anterior no turno genealógico, regula e organiza as relações familiares.

E este é um saber para o qual a psicanálise, através de muitos autores, contribui enormemente para a compreensão do que vemos acontecer nas famílias, mas que não se pode entender totalmente se não se compreende essa relação humanizante que a família cumpre pela condição de estar organizada em torno de algo que vem de fora e a precede.

A psicanálise sabe (e acho que isso discute certos preconceitos familiaristas) que uma família funciona pela condição de estar ligada a algo da ordem do exterior, porque não são os homens e as mulheres em miniatura os que resolvem a cada momento as condições sob as quais é possível a vida em comum na ordem do social. Isso vem dado à família.

Além disso, quando realizamos esse enorme trabalho de filiar e de inscrever uma geração na ordem do familiar e na ordem do social – trabalho que uma geração realiza sobre a que lhe segue –, uma parte dele é realizada no nível do familiar, mas há outra parte desse trabalho que é feita fora da família. A psicanálise sabe

que os sujeitos devem receber da geração que a precedeu esses dois trabalhos de filiação. Uma filiação de sangue, se você quiser, uma filiação na ordem familiar que o inscreve numa árvore genealógica, mas ao mesmo tempo todo sujeito deve ser um tributário de uma filiação de segundo grau, pode-se dizer, uma filiação simbólica que o inscreve em sua sociedade e em seu tempo.

Muitas vezes ouvimos essa referência na psicanálise latino-americana que é Marcelo Viñar (2018) dizer: “Os sujeitos necessitam ser alguém para alguém” (Comunicação verbal). Eu gosto de acrescentar que os sujeitos necessitam ser alguém para alguém na família e também ser alguém para alguém fora da família.

Quando se trabalha nos ofícios do laço, quando professores, educadores, assistentes sociais, psicanalistas trabalham nas políticas públicas, e educadores sociais realizam seu trabalho, estão levando adiante uma tarefa substantiva para sujeitos particulares e para a vida em comum em sociedade, que é garantir essa filiação simbólica que se faz fora da família, essa filiação que põe a salvo os sujeitos e a sociedade da endogamia do familiar.

A sociedade repousa sobre esses ofícios do laço, que são milenares e que respondem a esse trabalho de filiação exogâmica que a sociedade faz desde o início dos tempos, sob diferentes formatos e figuras, de acordo com os momentos históricos a que se faça referência.

Quando a gente trabalha nos territórios da injustiça, a gente mantém uma presença exogâmica a partir da igualdade como princípio.

E sustenta o acompanhamento desse trabalho que os sujeitos devem fazer: passar da posição de *ser filho de* para *ser mais um entre os demais*. Essa transição e esse percurso acompanham esses ofícios do laço, tal como os compreendemos.

Portanto, quando trabalhamos com certos desastres na ordem do familiar, ainda temos essas presenças exogâmicas que, configuradas sob a forma de ofícios do laço, contribuem ou não de maneira *transformacional* (Bollas, 1991) para o sujeito. □

Abstract

The culture of inequality and social bond occupations

In this paper, two texts written by Freud, *The future of an illusion* and *Totem and taboo* constitute the basis to establish associations between the central ideas put forward by Freud in those texts and the effects of inequality on subjectivity and on the processes of social exclusion nowadays. Furthermore, the author also presents theoretical perspectives within psychoanalysis to conceptualize something

Carmen Rodríguez

that happens in the so-called *oficios do laço* (*social bond occupations*), these representing the work carried out by professionals and people from different fields in the social fabric and having effects upon subjectivity.

Keywords: Social inequality; Psychoanalytic knowledge; What undermines culture; Social bond occupations

Resumen

La cultura de la desigualdad y los oficios del lazo

El artículo parte de dos textos freudianos *El porvenir de una ilusión* y *Tótem y tabú* para establecer asociaciones entre los planteos centrales de Freud en dichos textos y los efectos de la desigualdad en la subjetividad y en los procesos de exclusión social en la actualidad. A su vez el texto apunta a ofrecer perspectivas teóricas propias del psicoanálisis para conceptualizar algo de lo que acontece en los llamados oficios del lazo, considerándolos como el trabajo que profesionales y personas de distintos campos disciplinares realizan en el tejido social con efectos en la subjetividad.

Palabras clave: Desigualdad social; Saberes del psicoanálisis; Lo que ataca la cultura; Los oficios de lazo social

Referências

- Bollas, C. (1991). *La sombra del objeto. Psicoanálisis de lo sabido no pensado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Castoriadis, C. (1986). *El psicoanálisis, proyecto y elucidación*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.
- Enriquez, E. (1983). *De la horde à l'État*. Paris: Gallimard, 1983. Trad. brasileira: Da horda ao Estado. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- Freud, S. (1912). *Tótem y tabú*. En *Obras completas*. Tomo V. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.
- Freud, S. (1927). *El porvenir de una ilusión*. En *Obras completas*. Tomo VIII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1974.
- Legendre, P. (1996). *El inestimable objeto de la transmisión*. España: Siglo Veintiuno Editores.
- Rancière, J. (2006). *El nuevo odio a la democracia*. En *Resúmenes de las intervenciones en el seminario Nueva derecha: ideas y medios para la contrarrevolución (II)*, Sevilla, 7 a

10 de noviembre de 2006. Recuperado de http://ayp.unia.es/index.php?option=com_content&task=view&id=275

- Rancière, J. (2016). Entrevista concedida a Federico Galende. En *CroniCón. El observatorio latinoamericano*, ediciones 118, nota 14. Recuperado de <https://cronicon.net/paginas/ediciones/Ediciones118/nota14.htm>
- Rodriguez, C., Frigerio, G., & Korinfeld, D. (2017). *Trabajar en instituciones, los oficios del lazo I*. Buenos Aires: Noveduc.
- Rodriguez, C., Frigerio, G., & Korinfeld, D. (2018). *Saberes de los umbrales. Los oficios del lazo II*. Buenos Aires: Noveduc.
- Rodriguez, C., Frigerio, G., & Korinfeld, D. (2019). *Las instituciones: saberes en acción. Aportes para un pensamiento clínico*. Buenos Aires: Noveduc.
- Viñar, M. (2018). *Experiencias psicoanalíticas en la actualidad sociocultural. Cómo nos cambia un mundo que cambia*. Buenos Aires: Noveduc.

Recebido em 07/08/2019

Aceito em 25/09/2019

Tradução de **Ernani Ssó**
Revisão gramatical de **Fernanda Lisbôa**
Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Carmen Rodríguez
psic.carmenrodriguez@gmail.com

© *Carmen Rodríguez*
Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA